

Psicanálise e conflito de gerações

EURICO FIGUEIREDO (*)
MANUELA FLEMING (**)
CONSTANÇA PAÚL (***)

INTRODUÇÃO

A adolescência é o período de desenvolvimento que vai da puberdade até à maturação biopsicológica do indivíduo, tornando-o capaz não só de reproduzir biologicamente a espécie, mas também de contribuir pelo seu trabalho e estabilidade psicológica para a manutenção da família humana.

O estatuto de adulto é variável de cultura para cultura. O acesso ao estado de adulto é também muito diverso. Muitas civilizações passadas e actuais não utilizaram o conceito nem o estatuto de adolescência, transitando o púbere imediatamente para o estado de adulto sem qualquer período de transição reconhecida (¹). Daí que, para certos autores, a puberdade etapa biológica não teria, obrigatoriamente, implicações psi-

cológicas correspondendo a um período novo de desenvolvimento.

Mais sofisticado, mas a nosso ver também falacioso, é o ponto de vista que considera que o fim da adolescência é instituído apenas pela cultura (²). Por redução ao absurdo, uma sociedade que não permitisse, a muitos dos seus jovens, reproduzi-la biológica e culturalmente, torná-los-ia eternamente adolescentes, independentemente da maturidade afectiva e cognitiva atingida.

O facto de, em certas civilizações, não ter existido um estatuto definido para os jovens, não implica, contudo, que a maturação pubertária não introduza mudanças psicológicas importantes. A nosso ver, a mutação biológica seria sempre o ponto de partida para modificações psicológicas independentemente do estatuto cultural e social que é dado a este período de mudança.

Procuraremos rever, sobretudo, a contribuição teórica da psicanálise para a auto-

(*) Professor Associado, Responsável da Área de Psicologia Médica e Psiquiátrica do ICBAS, Universidade do Porto, Chefe do Serviço de Prevenção e Crise no Centro de Saúde Mental Ocidental do Porto.

(**) Psicóloga na Área de Psicologia Médica e Psiquiatria do ICBAS.

(***) Assistente de Psicologia do ICBAS.

(¹) Aries, Ph., *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, Éd. du Seuil, 1973.

(²) Group for Advancement of Psychiatry (Settlage, C. F., Gadpaille, W. J., Hawkins, M. O., Noshpitz, J. D., Rakoff, V., Wermer, H.). *Normal Adolescence: Its Dynamics and Impact*, Charles Scribners Sons, N. I., 1968. Ed. brasileira: *Dinâmica da Adolescência*, Ed. Cultrix, S. Paulo.

nomização do processo psicológico adolescente nas suas implicações com a vida psicológica dos progenitores, visando caracterizar o que consideramos ser uma invariância da espécie humana: o conflito de gerações.

As mudanças corporais que se efectuam no adolescente criam a necessidade de integrar a nova imagem corporal em vários parâmetros. As mudanças corporais a nível dos caracteres sexuais primários e secundários denunciando um corpo sexuado impossível de esconder, em sincronia com o aumento da pulsão sexual, vai obrigar o adolescente a integrar a sua nova imagem. A curiosidade pela sexualidade do próprio, de iguais e de adultos é avivada; a tentação da masturbação e fantasias eróticas prévias ou acompanhando-a é estimulada. O aparecimento dos estigmas de um corpo para a sexualidade são impossíveis de disfarçar na relação com o grupo de iguais, familiares e outros adultos.

O adolescente, posto perante a imagem que lhe é dada pelo adolescente do sexo oposto, desejo-ameaça de sedução, desejo-perigo de ser amado, vê-se face a um corpo inevitavelmente se constitui como moeda de troca no mercado da concorrência amorosa.

Exibidos ou disfarçados, os traços sexuais inserem-se num processo de procura de beleza e atracção física moldado pelas expectativas culturais a que esses adolescentes são submetidos.

Rival ou modelo, o outro adolescente do mesmo sexo constitui-se sempre em referência.

As diferenças de desenvolvimento corporal e sexual, dadas as assincronias individuais e grupais, são vividas face ao amigo ou amigos como sinal de superioridade, ou de inferioridade, de culpa ou de sucesso, modelo que se pretende ser ou modelo que se não é e se procura no outro. A sexualidade, a força, a beleza física, problematiza a relação no grupo de iguais, mas também na re-

lação com os pais e outros adultos. É uma sexualidade que não mais se pode esconder, marcada pelo aparecimento da menstruação temida ou exibida, por erecções precedidas ou estimulando fantasias eróticas reveladoras de desejos vividos geralmente como culposos, por poluções nocturnas que se escondem, sinal dum erotismo que impõe receio e mal-estar. É o vai e vem duma aproximação-competição com o progenitor do mesmo sexo, receio-atracção pelo progenitor do sexo oposto, o esclarecimento temeroso na família, mais frequentemente fora dela⁽³⁾, do sentido da sexualidade. É a aproximação do adulto exterior à família, do mesmo sexo, no qual é mais fácil encontrar um interlocutor numa relação menos conflitual. As mudanças corporais, sexualizadas, mas também revelando que se é mais adulto, maior, mais forte, vão ser objecto de satisfação ou desespero, superioridade ou inferioridade, prazer ou culpa.

No conjunto e no fim da adolescência, é indubitavelmente uma imagem do próprio, um ideal do eu e um super-eu que se modificaram. As representações corporais e o seu significado de mudança no conjunto das expectativas individuais e culturais, em permanente inter-relação, vão inevitavelmente provocar modificações psicológicas estáveis, ou para bem do amor próprio, pela capacidade de enriquecer a relação social do adolescente, ou para mal, pela insegurança, culpabilidade e isolamento que provocam.

O processo de socialização do adolescente vai encontrar geralmente o jovem púbere integrado na estrutura familiar, no grupo de iguais e na relação com os adultos exteriores à família. Acontece que a mutação pubertária provocará, por sua vez, mudan-

(3) Os problemas de natureza sexual seriam os mais dificilmente partilhados entre progenitores e filhos de sexo diferente. Dubbé, M. C., «What parents are not told many hurt», *Family Life Coordinato*, 14, 51-118, 1965.

ças neste enquadramento, a tal obrigando o aumento das pulsões agressivas e sexuais da puberdade.

Utilizando os conceitos de Sullivan, de escolha objectal isofílica⁽⁴⁾, em que é procurada intimidade nos iguais predominantemente do mesmo sexo, e de escolha objectal heterofílica, em que é procurada intimidade em iguais predominantemente do sexo oposto, o dinamismo sexual durante a adolescência vai normalmente fazer pender o primeiro para o segundo tipo de escolha.

Na sua investigação sobre adolescentes, Demphy⁽⁵⁾ notou que, no início da adolescência, o domínio da socialização interpares se fazia em pequenos grupos do mesmo sexo. Progressivamente, contudo, estes pequenos grupos de iguais unisexuais começavam a interagir com «grupinhos» semelhantes do sexo oposto, de molde a que os adolescentes de ambos os sexos com mais iniciativa transitavam progressivamente para grupos heterossexuais, mantendo, todavia, a base estável e sólida do grupo unisexual. Este movimento ia arrastando também os mais timoratos até à constituição de grupos heterossexuais mais íntimos, que interagem com grupos semelhantes também heterossexuais, criando-se o «bando», a «malta», a «turma» na terminologia dos brasileiros.

No final da adolescência, contudo, os grandes grupos começam a desagregar-se, formando-se pequenos grupos com casais constituídos e com um grau de intimidade mais estável. Outros trabalhos, como os de Douvar e Adelson⁽⁶⁾, revelam as dificuldades dos adolescentes no estabelecimento dos

primeiros contactos afectuosos heterossexuais. Todavia, o processo evolutivo parece efectuar-se sempre de igual maneira⁽⁷⁾.

O importante trabalho empírico de Chess e col.⁽⁸⁾ mostra como a evolução nos envolvimento afectuosos e sexuais da adolescência dos 15 aos 18 anos passa de amigo do mesmo sexo para amigos de ambos os sexos até ao namorar «heterossexual», namorar estável e envolvimento sexual e íntimo. Constataram também que existe entre progenitores e adolescentes, isto numa população nova-iorquina da classe média, uma reduzida comunicação no que diz respeito ao envolvimento amoroso dos jovens. Segundo os mesmos autores, seria razoável pensar que esta falta de diálogo significaria uma manifestação de desejo de independência dos jovens e uma maneira de evitar conflitos familiares.

Certamente que o contexto sociocultural, em que se efectua este processo, o pode facilitar ou dificultar. Todavia, as modificações sexuais e corporais referidas provocam um ajustamento psicológico inevitável, suficientemente ansiógeno para dificultar, por si só, o acesso à heterossexualidade.

Outras tendências da adolescência na escolha do objecto heterossexual como o «crush», transição através do investimento afectuoso dum adulto do sexo oposto, em sincronia com o culto do herói do mesmo sexo, vem revelar até que ponto, na transição, estão profundamente envolvidos os modelos de identificação parentais da infância, área predominantemente estudada pela psicanálise.

(4) Sullivan, H. S., *The Interpersonal Theory of Psychiatry*, Norton, N. I., 1953.

(5) Dumphy, D. C., «The social structure of the urban Adolescence», *Peer Group Sociometry*, 26, 230-246, 1963.

(6) *The Adolescent Experience*, Wiley, N. I., 1966.

(7) «Offer and Offer, Normal Adolescence in perspective», in *Current Issues in Adolescent Psychiatry*, J. Schooler, Ed. Brunner, Mazel, N. I., 1973.

(8) «Sexual attitudes and behavior patterns in a Middle-Class Adolescent Patterns», *Amer. J. Orthopsychiat.*, 46 (4), 689-701, 1976.

CONTRIBUIÇÃO DE FREUD

A leitura das referências de Freud sobre a puberdade e adolescência revela-nos, como primeiro dado semântico, a quase completa ausência de utilização do conceito da puberdade. Este dado de observação inicial delimita a contribuição freudiana a, essencialmente, uma teoria de sexualidade, muito marcada por preocupações de etiologia biológica. A genialidade do fundador da psicanálise revela-se, contudo, mais uma vez pela maneira como os limites das suas preocupações «conscientes», em sintonia com as preocupações duma época em que se procura reduzir a medicina a uma teoria biológica, foram subvertidas pela acutilância das suas observações. Estas contribuíram irreversivelmente para uma autonomização da realidade psíquica.

A teoria da sexualidade de Freud encontra na mutação biológica pubertária um terreno seguro e indiscutível, permitindo-lhe edificar um processo de desenvolvimento da sexualidade que atingiria, na emergência pubertária, o seu ponto final. É neste terreno sólido da biopsicologia que Freud vai dar a contribuição mais inacabada à sua teoria. Sendo mais compreensível, talvez não estimulasse a sua curiosidade virada para a construção dos alicerces do edifício da sua teoria da sexualidade infantil. Não deixa, contudo, o fundador da psicanálise de levantar uma abundante quantidade de pistas que, clarificadas, poderão servir de base para o aprofundamento do conhecimento da adolescência.

A revolução pubertária é compreendida e integrada por Freud na teoria da evolução bifásica da sexualidade humana. Assim, a sexualidade infantil «é sucedida por um período de latência mais ou menos camuflado, durante o qual se constroem restrições éticas para agirem como defesas contra os desejos do Complexo de Édipo.

No subsequente período da puberdade, há uma revivescência do Complexo de

Édipo no inconsciente e iniciam-se modificações mais profundas. É só na puberdade que os instintos sexuais se desenvolvem na sua máxima intensidade; mas a direcção deste desenvolvimento, assim como todas as predisposições para ele, já foram determinadas pela primitiva eflorescência da sexualidade durante a infância que a precede. Este desenvolvimento bifásico da sexualidade em dois estádios interrompidos pelo período de latência, parece ser uma particularidade biológica da espécie humana e conterem o factor determinante para a origem das neuroses»⁽⁹⁾.

Todavia, esta segunda emergência da sexualidade não repete pura e simplesmente a sexualidade infantil. Poder-se-á mesmo dizer que, partindo dela, vai finalmente dar uma primazia definitiva à genitalidade: «Tudo o que a puberdade faz é dar primazia à zona genital entre outras origens do prazer, isto para pôr o erotismo ao serviço da função de reprodução»⁽¹⁰⁾.

A tensão erótica e a masturbação criariam as condições para a orientação do desejo sexual para a sua concretização, dadas as capacidades cognitivas e físicas do adolescente. A primeira fase da sexualidade é bastante completa: «Muito antes da puberdade, a criança já é capaz da maior parte das modificações psíquicas do amor — por exemplo, a ternura, a dedicação e o ciúme. Com frequência, uma erupção desses estados mentais associa-se às sensações físicas da excitação sexual, de modo que a criança não pode ficar em dúvida quanto à conexão entre ambos. Em resumo, com excepção do seu poder de reprodução, muito antes da puberdade já está completamente desenvolvida na criança a capacidade de amar; e pode-se afirmar que o clima de mistério

(9) Freud, S., S. E., XVIII, 246; ESB, XVIII, 298-299.

(10) Freud, S., S. E., IX, 133-134; ESB, IX, 139.

apenas a impede de aprender intelectual-mente as actividades para as quais já está psiquicamente preparada e fisicamente apta» (10).

Mas a primazia da genitalidade dá-se mais tarde: «a escolha do objecto, como demonstramos ser característica da fase puberal do desenvolvimento, já foi habitualmente efectuada durante a infância: quer dizer que o conjunto das correntes sexuais tornaram-se dirigidas para uma única pessoa em relação à qual procuram realizar os seus fins. Isto, contudo, é a aproximação mais semelhante da infância como forma final que toma a vida sexual depois da puberdade. A única diferença reside no facto de que, na infância, a combinação dos estímulos componentes e a sua subordinação sob a primazia dos genitais só se efectuou muito incompletamente ou não se efectuou» (11). Daí que Freud reserve «o nome de fase genital para a organização sexual definitiva que se estabelece depois da puberdade» (12).

E continuando a citar Freud: «No fim da puberdade, o carácter sexual final do indivíduo aparece geralmente completamente formado. Por outro lado, os instintos separados tornam-se subordinados à zona genital, de forma a que toda a vida sexual entre ao serviço da reprodução» (13).

A emergência da sexualidade genital obriga o jovem, para assumi-la, a realizar um determinado número de mudanças. Freud faz-nos uma magnífica síntese das tarefas decorrentes da mutação biológica puberal: «separar-se da família torna-se uma tarefa com que todo o jovem se defronta e a sociedade frequentemente o auxilia através dos ritos da puberdade e iniciáticos. Temos a impressão que são dificuldades inerentes a todo o desenvolvimento psíquico

e, de facto, no fundo, também orgânico» (14).

E também: «na puberdade, quando o instinto sexual faz as primeiras exigências fortes, o velho objecto familiar incestuoso é retomado de novo e investido de líbido. A escolha infantil era débil, indicando, todavia, a direcção para a escolha pubertária. Nesta altura, então, um processo emotivo muito intenso entra em jogo, seguindo a direcção do Complexo de Édipo ou activando-o de novo, processo que, contudo, uma vez que as suas premissas se tornam intoleráveis, tem que, em larga medida, manter-se fora da consciência.

Daqui em diante, o indivíduo humano tem que se dedicar à grande tarefa de se separar dos seus pais “e, até que esta tarefa esteja cumprida, ele não deixará de ser criança”, e tornar-se um membro da comunidade social. Para o rapaz, a tarefa consiste em separar os seus desejos libidinais da sua mãe, utilizando-os na escolha de um objecto de amor externo, e em reconciliar-se com o seu pai se permaneceu em oposição a ele, ou libertar-se da sua pressão se, como reacção à sua rebelião infantil, se tornou subserviente ao mesmo. Estas tarefas colocam-se a toda a gente» (15).

Temos, nesta citação de Freud, uma clara definição dos objectivos da adolescência implicando uma nova regulação das relações afectuosas com os progenitores. Estas são definidas para o rapaz, o que não impede que Freud afirme que «estas tarefas colocam-se a toda a gente», para que a criança se torne «um membro da comunidade social». A contrapor-se a este objectivo, surge o reinvestimento da problemática edipiana, aparecendo a adolescência como um período

(11) Freud, S., S. E., XIX, 141-142; ESB, XIX.

(12) Freud, S., S. E., XXII; ESB, XXII, 124.

(13) Freud, S., S. E., XI, 44-45; ESB, XI, 42.

(14) Freud, S., S. E., XXI, 103; ESB, XXI, 124.

(15) Freud, S., S. E., XVI, 336-337; ESB, XVI, 392-393.

etário criando um conflito entre tendências regressivas com reemergência da problemática infantil, e tendências progressivas proporcionando ao adolescente um investimento pulsional predominantemente fora da família.

Em toda a sua obra, Freud dá-nos elementos sobre a importância de cada uma destas tendências, valorizando o aspecto regressivo no que diz respeito às consequências psicopatológicas que daí advêm. Algumas pistas de Freud permitem-nos compreender os passos psicológicos dados pelas tendências progressivas levando o jovem a desvincular-se dos pais enquanto objectos prioritários nos envoltimentos emocionais.

Já vimos que, para Freud, o motor desta saída da família é a segunda emergência da sexualidade «com toda a força». A masturbação tem uma função primeira de libertação pulsional que, envolvendo-se na problemática edipiana inconsciente, se encontra carregada de culpabilidade. As fantasias peripuberais dão-nos, todavia, uma pista da direcção que as mudanças psicológicas vão tomar: «Um exemplo característico desta actividade imaginativa particular pode ver-se no familiar sonho acordado, que persiste muito depois da puberdade. Se estes sonhos diurnos forem cuidadosamente examinados, vê-se que servem para a realização de desejos e uma correcção da vida real. Têm dois objectivos principais, um erótico e um ambicioso» (16).

A anterior citação de Freud é retirada do escrito «Romances Familiares» onde o autor, numa tentativa de esclarecer este apaixonante fenómeno, amalgama, todavia, romances familiares com função, a nosso ver, diferente e urgindo um maior esclarecimento, relacionando-os com a idade em que são produzidos.

Freud, nesta altura, caracteriza o período etário em que eles se passam: peripuberal.

Afirma que, «no período mencionado, a imaginação da criança entrega-se à tarefa de libertar-se dos pais por descerem em sua estima e substituí-los por outros, em geral de uma posição social mais elevada». Desta feita, Freud, introduz a problemática da fantasia peripuberal, que resulta certamente dos dilemas que se impõem ao púbere invadido por pulsões agressivas e eróticas e decepcionado pelos pais reais. Se as fantasias, por um lado, são compensatórias face à referida decepção, por outro lado procuram investir personagens que transitoriamente vão ser objecto de amor e idealização. Adquirem a função de equilibrar o jovem na procura de novas ligações afectivas e novos objectos de projecção do ideal do eu interiorizado. É-lhes, deste modo, permitido afrontar mais facilmente os problemas que deverá resolver: os de separação e de desidealização dos objectos externos, com as repercursões que vão provocar nos objectos internos do adolescente.

Na escolha do objecto heterossexual não incestuoso, o adolescente passa geralmente por uma fase de atracção mais ou menos importante por jovens do mesmo sexo, por simpatias quase sempre sem consequência de natureza homossexual. Assim, refere Freud que «há muito se sabe e muitas vezes já se assinalou que, na puberdade, rapazes e moças mostram sinais claros, mesmo em casos normais, da existência de uma afeição por pessoas do seu próprio sexo. Uma amizade romântica e sentimental com uma das suas colegas de escola, acompanhada de votos, beijos, promessas de correspondência eterna e toda a sensibilidade do ciúme, é o percurso comum da primeira paixão séria de uma moça por um homem» (17).

«Em caso de homossexualidade na mulher», Freud torna a referir que «sabe-se bem que, mesmo numa pessoa normal, leva

(16) Freud, S., S. E., IX, 238; ESB, IX, 244.

(17) Freud, S., S. E., VII, 60; ESB, VII.

tempo até se tomar finalmente a decisão com referência ao sexo do objecto amoroso. Entusiasmos homossexuais, amizades exageradas e matizadas de sensualidade são bastante comuns em ambos os sexos durante os primeiros anos após a puberdade»⁽¹⁸⁾. Esta escolha de objecto provisória teria que ver com as necessidades de reforço da identidade através da identificação, como afirma, em 1921, na «Psicologia de Grupo e Análise do Eu»⁽¹⁹⁾, dada a necessidade do jovem se «separar» dos pais.

A necessidade de reforço de identidade pode ser compreendida como correspondendo à constatação, pelo adolescente, da sua dificuldade em realizar as fantasias sexuais e ambiciosas referidas, onde, em nosso entender, a realização fantasmática de tais proezas tem como função o reforço do amor próprio. Podemos considerar o jovem púbere como apresentando uma discordância entre fantasias marcadas pelo desejo do sucesso megalómano social e sexual e o sentimento de incapacidade a nível do «próprio», sentimento de pobreza de auto-estima. O adolescente necessitará de projectar nos iguais a capacidade de realização das referidas fantasias para, pela truçagem da identificação, se sentir mais forte. O grupo de iguais, onde emergem chefes nos quais o grupo projecta fantasias que realiza por procuração, tem esta função de reparação da auto-estima.

Assinalemos que este esforço para realizar os objectivos da adolescência iniciados pela revolução biológica puberal, aparece consequentemente como uma das mais importantes bases de socialização dos jovens através da procura de novas identificações e de laços afectuosos entre iguais.

Notamos a fragilidade na auto-estima do jovem puberal. Nas fantasias eróticas e am-

biciosas encontramos um fio condutor para uma problemática psicológica que Freud não aprofundou. Não deixou, todavia, de introduzir um importante número de conceitos que, não chegando, a nosso ver, a constituir um corpo doutrinário coerente, dão, todavia, importantes pistas para a compreensão da problemática adolescente.

Retomemos uma ideia clássica de Freud: «Estas fixações afectuosas da criança persistem através da infância, carregadas continuamente com erotismo que é consequentemente desviado do seu fim sexual. Então, na puberdade, juntam-se-lhe correntes sexuais poderosas que já não tornam a enganar quanto aos seus objectivos. Nunca falha, aparentemente, em seguir os primeiros passos e em investir os objectos da primeira escolha com correntes de líbido agora mais fortes. *Aqui, todavia, vão encontrar a oposição dos obstáculos erguidos entretanto pela barreira do incesto* (*) e, consequentemente, fará esforços para os ultrapassar, deixando esses objectos que, de facto, são inatingíveis e procurando encontrar caminho, o mais depressa possível, para outros objectos externos com os quais uma vida sexual real pode ser realizada. Estes novos objectos serão ainda escolhidos segundo o modelo dos *imagos* infantis, mas, no decorrer dos tempos, atrairão para eles o afecto que estava preso aos primeiros.»⁽²⁰⁾

Vemos, pois, que, na ideia de Freud, os pais investidos afectuosamente pela criança são novamente alvo do movimento pulsional puberal. Este, todavia, vai encontrar «a oposição dos obstáculos erguidos entretanto pela barreira do incesto» que, nesta referência, são obviamente internos.

O conflito edipiano, ultrapassado, organiza a vida psíquica da criança de molde a recalcar as representações eróticas incestuosas, estruturando o super-eu, e a transfor-

⁽¹⁸⁾ Freud, S., S. E., XVIII, 168; ESB, XVIII, 208.

⁽¹⁹⁾ Freud, S., S. E., XVIII, 108; ESB, XVIII, 137.

(*) Sublinhado por nós.

⁽²⁰⁾ Freud, S., S. E., XI, 181.

mar em ideal o rival, estruturando o ideal do eu.

A estabilidade emocional que a família assim alcança, alicerça-se em sentimentos afectuosos mútuos e numa clara demarcação das gerações, delimitando o sub-sistema parental e filial.

Por sua vez, os filhos adquirem inequivocamente a identidade do género.

A mutação pubertária, efectuando-se normalmente em jovens tendo alcançado uma organização pós-ediapiana, vai, apesar de tudo, envolver progenitores e descendentes num processo de interacção maturativa.

Freud vai detectar a interacção pais-filhos na adolescência, não nos seus aspectos positivos, mas na sua negatividade, ou seja, pelo controlo cultural que vai zelar pelo normal desenvolvimento das interacções pais-filhos durante a adolescência. No *Totem e Tabu*, referindo-se ao que se chama de lei do evitamento e assinalando a sua importância, refere que, na Melanésia, «este evitamento começa com as cerimónias da puberdade e mantém-se através da vida. A reserva entre filho e sua mãe aumenta conforme o rapaz cresce, e manifesta-se mais da parte da mãe do que do rapaz» (21). «No que diz respeito à relação pai-filha, o evitamento opera entre os wakambe da África Oriental inglesa. A rapariga evita o pai entre a idade da puberdade e a altura do seu casamento. Se se encontram na rua, ela esconde-se enquanto ele passa e ele nunca pode ir sentar-se ao pé dela. Isto mantém-se até ao seu noivado. Depois do casamento, ela já não evita o pai de forma nenhuma» (22).

A lei do evitamento indica, pela negativa, que tais culturas temem excessos nas relações afectuosas entre pais e filhos, sendo estas proibições complementares à universal proibição do incesto. Sendo uma proibição

envolvendo progenitores e descendentes, ora um, ora outro, suportam a maior carga das proibições implicando comportamentos.

Outras manifestações culturais também foram referidas por Freud regulando as relações filhos-progenitores na adolescência. Assim, referindo-se aos trabalhos de Theodor Reik sobre os rituais iniciáticos, Freud assinala que este autor «demonstrou que os ritos pubertários dos selvagens que representam o renascimento, têm o sentido de libertar o menino dos laços incestuosos com sua mãe e reconciliá-lo com o seu pai» (23).

A reconciliação com o pai estaria também patente no ritual de circuncisão: «Suspeito que, na família humana primitiva, a castração era de facto levada a cabo por um pai cruel e ciumento nos rapazes jovens, e que a circuncisão, uqe tão frequentemente faz parte dos rituais puberais entre os povos primitivos, é uma relíquia reconhecível disso» (24).

Estas referências, e teríamos outras, mostram que Freud encara o conflito adolescente como envolvendo pais e filhos, as proibições atingem progenitores e descendentes e a tentação erótica, interagindo sobretudo nas relações heterossexuais, a ambos mobiliza. A violência latente entre os membros do mesmo sexo obriga a uma reconciliação dos filhos com os pais, o que poderá passar-se através de instâncias culturais — o pai social, o grupo de homens. Mas a violência, o ciúme estão explicitamente assinalados na relação pai-filho, chegando Freud a admitir a existência, no passado, da castração real de que a circuncisão seria uma sobrevivência simbólica.

Não encontramos, todavia, nas suas bases teóricas, maneira de englobar os pais no conflito de gerações, o que contribuiria

(21) Freud, S., S. E., XIII, 10; ESB, XIII, 297

(22) Freud, S., S. E., XIII, 12; ESB, XIII, 31.

(23) Freud, S., S. E., XVI, 335; ESB, XVI, 391.

(24) Freud, S., S. E., XXII, 86; ESB, XXII, 109.

para o seu esclarecimento, caindo o fundador da psicanálise quase sempre na tentação de encarar toda a carga conflitual como partindo dos filhos: «A onda de masculinidade intensificada com a puberdade foi empregue em revolta e insubordinação furiosa contra o pai» (25). E isto mesmo quando certos comentários de Freud envolvem também os pais: «Há pessoas que nunca conseguiram subtrair-se à autoridade paterna e, ou não conseguiram separar dos pais os sentimentos ternos, ou o fizeram de uma maneira imperfeita. Isto é, sobretudo, verdade nos jovens que, para grande alegria dos pais, continuam, para lá da puberdade, ligados a um amor filial pleno e inteiro» (26).

Também Freud refere que, «ao crescer, o indivíduo liberta-se da autoridade dos pais, o que constitui um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos, resultados do curso do desenvolvimento. Tal liberdade é primordial e presume-se que todos os que atingiram a normalidade, lograram-na pelo menos em parte. Na verdade, todo o progresso da sociedade repousa na oposição entre gerações sucessivas. Existe, porém, uma classe de neuróticos cuja condição é determinada visivelmente por terem falhado nesta tarefa» (27).

Duma maneira lapidar, Freud refere de novo a necessidade do adolescente se libertar da autoridade dos pais, o que corresponde a uma exigência psicológica individual. A normalidade psicológica estaria ligada à capacidade revelada para alcançar tal liberdade: falhar nessa tarefa poderia conduzir a dificuldades psíquicas. Mal definido, mas entre o sucesso e o insucesso, estaria o conflito de gerações que Freud não caracteriza, mas que coloca na zona de encontro do processo de desenvolvimento individual e do progresso social.

Resumindo, Freud desenvolve certas noções que consideramos actuais, apesar de incompletas ou tendo deixado na sombra aspectos importantes. Fundamentalmente preocupado com a elaboração de uma teoria da sexualidade, Freud considera a puberdade como o ponto de partida para o aparecimento duma nova fase do desenvolvimento da sexualidade complementar à infantil: daí a teoria bifásica da sexualidade, dando acesso à genitalidade.

O acesso à genitalidade teria repercussões psicológicas imediatas, como as ligadas com a masturbação. As barreiras internas contra o incesto, criadas na fase edipiana e estabilizadas no período de lactência, obrigariam o jovem a procurar satisfação emocional no exterior da família. Esta procura do adolescente seria também motivada pela desvalorização dos pais provocada pela óptica com que estes eram vistos na adolescência e pela emergência de fantasias eróticas e ambiciosas. Procuraria transitoriamente adultos capazes de serem objecto de investimento de tais fantasias e reforçaria a sua identidade através de identificações com iguais do mesmo sexo.

A teoria freudiana da Adolescência é fundamentalmente económica, não aprofundando, contudo, suficientemente as implicações tópicas e dinâmicas (28). Não esclarece cabalmente as situações, as modificações psíquicas da adolescência, entendidas na relação de objecto e suas mudanças, o que permitiria compreender melhor a importância, assinalada, do conflito de gerações.

A grande maioria dos seguidores de Freud não lhe desenvolveram as mais importantes pistas, deixando por esclarecer o processo adolescente como etapa de desenvolvimento na sua especialidade, nem pro-

(25) Freud, S., S. E., XXIII, 79

(26) *Idem*.

(27) Freud, S., S. E., IX, 237; ESB, IX, 243.

(28) A conclusão semelhante chegou Klumpner, G. H., no seu artigo «A review of Freud's writing on Adolescence», *Adolescent Psychiatry*, 59-74, IV.

curaram compreender o conflito de gerações na originalidade do referido processo implicando os progenitores e os adultos em geral.

Encaram a adolescência como uma repetição do desenvolvimento infantil a que podemos chamar, utilizando a expressão de Gallatin, de teoria de recapitulação⁽²⁹⁾.

Freud avançou inúmeras pistas para o estudo da adolescência. Os desenvolvimentos posteriores da teoria psicanalítica poderiam ter dado contribuições mais importantes para a autonomização do processo psíquico adolescente, se a perniciosa teoria da recapitulação iniciada por Jones não tivesse dificultado tal enriquecimento. Eis como Jones se exprimiu a este respeito: «Na puberdade produz-se uma regressão para a infância, para o primeiro período de vida e o indivíduo revive, apesar de, num outro plano, a sua evolução durante os cinco primeiros anos de vida [...]. Noutros termos, isto quer dizer o indivíduo, durante a segunda década de vida, *recapitula* e *prolonga* o desenvolvimento que tinha efectuado durante os cinco primeiros anos, assim como durante os cinco primeiros anos ele recapitula as experiências dos seus antepassados e de milhões de anos durante o período pré-natal»⁽³⁰⁾.

No livro de 1978 *Poder e Autoridade na Adolescência, as Origens e Resolução do Conflito de Gerações*, o Comité para a Adolescência do Grupo para o Avanço da Psiquiatria dos EUA⁽³¹⁾ propõe-se estudar o papel do poder e da autoridade no desenvolvimento humano, com especial realce

para o modo como os adultos exercem o poder e a autoridade com os jovens e como estes lutam para preparar os seus próprios papéis de autoridade no futuro. Afirmam a originalidade da tentativa dizendo-se não informados sobre a existência doutras similares.

Em relação aos aspectos estruturais invariantes do conflito de gerações, definem-no como «inerente à passagem da adolescência para a adultícia»; surgindo «da natureza do desenvolvimento humano nas suas dimensões biológica, psicológica, social e cultural», podendo «exprimir-se em termos de natureza simbólica ou fantasmática ou na forma de acções dramáticas e até violentas»; apresentando um desenlace complexo, e dependente da época e contexto, variando nas suas formas mas «implicando sempre adaptações por parte de ambas as gerações»⁽³²⁾.

A perspectiva que usam para estudarem os aspectos invariantes do conflito de gerações é a psicanalítica: mais uma vez, apesar da clara definição do conflito, sua importância, seus aspectos variantes e invariantes, os autores não dão nenhuma contribuição que permita autonomizá-lo na sua originalidade psicológica envolvendo adolescentes-progenitores.

A tentação reducionista é constante como, a título de exemplo, quando referem a originalidade do estudo da «dinâmica do desenvolvimento com manifestações particulares de atitudes tardias do adolescente e parentais em relação ao poder e à autoridade. Uma visão global desta síntese revela uma progressão desde as mais globais até às mais pormenorizadas influências, afectando os conflitos de gerações de autoridade desde a dinâmica familiar interpessoal estrita até aquelas que envolvem um grande número de pessoas, uma compreensão cognitiva mais lata das realidades sociais e respostas

(29) Gallatin, J., *Adolescence and Individuality*, Harper & Row, USA, 1975. Trad. bras.: *Adolescência e Individualidade*, Harper & Row do Brasil, S. Paulo, 1978.

(30) *Théorie et Pratique de la Psychanalyse*, Payot, Paris, 1969, pp. 363-364.

(31) Gadpaille, W. e col., *Power and Authority in Adolescence: The Origins and Resolutions of Intergerational Conflict*, Group for the Advancement of Psychiatry, Mental Health Materials Center, Inc., N. I., 1978.

(32) *Op. cit.*, p. 69.

alternativas cada vez mais complexas. Isto reflecte-se, conjuntamente, na natureza e qualidade das reacções originais da criança e nas mais tardias manifestações caracteriológicas emocionais e comportamentais.

Portanto, as influências do estado oral, necessariamente pré-verbais e mais abrangentes, são vistas como tendo o potencial para atitudes e conflitos mais invasivo e menos acessível a uma intervenção verbal. Isto é igualmente verdade nas manifestações e atitudes parentais e nas reveladas pela criança e adulto» (33).

Constatamos, assim, que a teoria da recapitulação tem persistido, desde Jones até aos mais recentes contributos da psicanálise, como referência fundamental para a compreensão da adolescência e do conflito de gerações.

Não se pode, todavia, silenciar as importantíssimas contribuições à compreensão da Adolescência que foram dadas, entre outros psicanalistas, por P. Bloss, E. Ericson, A. Freud, H. Deutsh, E. Jakobson, E. Kestenberg e T. Litz, só para referir os mais notáveis. Em Portugal, a Psicanálise tem dado uma atenção muito especial à adolescência, sobretudo com Alvim, Amaral Dias, Coimbra de Matos e Dias Cordeiro.

Freud, com a teoria bifásica do desenvolvimento da sexualidade, deu à puberdade a importância de a reconhecer como a iniciadora duma nova etapa de desenvolvimento sexual, com entrada definitiva na genitalidade. A sexualidade juvenil conduziria à solidificação da identidade de género, condição indispensável ao exercício duma sexualidade heterossexual.

Haveria uma retomada da problemática edipiana regressiva, ressurgência do passado perante dificuldades do presente no processo de desinvestimento dos objectos de amor familiares e investimento de objectos exteriores à família, num aparelho psíquico que, tendo atingido uma organização pós-

-edipiana, encontra dentro de si, normalmente barreiras suficientemente sólidas para virar os investimentos para o exterior da família. Transição difícil, é verdade, necessitando dum reforço de identidade através de identificações com iguais do mesmo sexo; precisando de investir erótica e narcisicamente, no seguimento de fantasias eróticas ou ambiciosas e perante a decepção dos pais reais, objectos análogos aos edipianos interiorizados, mas no exterior da família. Em muitas civilizações, instituições culturais, através de rituais de passagem, procuram afastar progenitores e descendentes do mesmo sexo, reforçando o movimento exogâmico.

A adolescência pode, quiçá à luz das pistas avançadas por Freud, ser entendida como apresentando uma fase regressiva, habitualmente ultrapassada pelas forças progressivas, contra ou anti-edipianas sexuais e agressivas, viradas para o exterior da família, num movimento que envolve profundamente progenitores e descendentes.

Vamos, no contexto que nos impomos, referir apenas algumas contribuições da psicanálise para a compreensão da adolescência através do conflito adolescentes-progenitores, o conflito de gerações nas suas manifestações intrafamiliares.

Afirmando que «um influxo de forças sexuais biologicamente pré-determinadas; a percepção interna das alterações que ocorrem no ego; as novas exigências da realidade e as dificuldades de adaptação — constituem os elementos básicos nas mudanças que ocorrem durante a adolescência» (34), Hellen Deutsch refere que «o tema principal da adolescência é o conflito de gerações» (35). Esta autora afirma também que a

(34) *Problemas Psicológicos da Adolescência*, Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1974, p. 19. Trad. portuguesa do *Selected Problems of Adolescence with Special Emphasis on Group Formation*, International Universities Press, N. I., 1967.

(35) *Op. cit.*, p. 7.

(33) *Op. cit.*, pp. 160-161.

«experiência parece provar que, para a juventude em crescimento, as suas tentativas de alcançar a liberdade juntamente com o seu protesto agressivo contra a autoridade deveriam primeiramente começar em casa, e só mais tarde serem empreendidas no campo maior que é agora a arena da “revolução adolescente”»⁽³⁶⁾. Todavia, para que os adolescentes sejam capazes de assumir um conflito que os confirme na sua identidade original, H. Deutsch dá muita importância aos fenómenos de grupo. Comenta: «eles aspiram a ser “originais” e, entretanto, ao mesmo tempo, anseiam alcançar o maior grau possível de conformidade com milhares dos seus companheiros adolescentes. Nessa busca de conformidade está o motivo mais importante da formação desse grupo adolescente: a identidade com os companheiros. Pode-se chamar isso de mascarada uniformizante, “carteira de identidade: nós”, e supor que ela serve — como muitas outras expressões na vida adolescente — para ocultar a sua ansiedade e mantê-lo sob controlo. O protesto revolucionário exprime-se simplesmente em “ser diferente” da geração mais velha»⁽³⁷⁾.

Uma das razões para esta crise de identidade necessitar de um reforço no grupo de iguais, encontra-a H. Deutsch na relação com os pais: «Outro trauma — muitas vezes de desastrosas consequências — é a desvalorização do genitor (especialmente a do pai). Isto, em geral, não é o resultado de qualquer aumento de capacidade cognitiva por parte do rapaz que amadurece, embora ele muitas vezes o expresse em termos que pareceriam subentender isso. A desvalorização do pai como membro do ambiente sociológico, que está sendo criticado e rejeitado pelo adolescente, serve apenas como a racionalização de um processo mais profundo. Ela é uma consequência da revivescência

regressiva de grandiosas fantasias narcisistas anteriores que estavam ligadas à idealização da imagem paterna. Com a revivescência dessas fantasias, também os desapontamentos anteriores são novamente despertados: a desvalorização de um objecto idealizado de identificação anterior pode ter um efeito muito traumático sobre o ego»⁽³⁸⁾.

Esta desvalorização da imagem dos genitores vai encontrar, todavia, uma compensação no exterior da família.

«Entre as tarefas mais importantes de maturação, estão: aplacar o super-ego e restaurar o ideal afligido do ego, e fortalecer o processo de sublimação pela identificação com uma imagem reabilitada do pai. Esta identificação deve agora ser constituída sobre uma experiência cognitiva adequada à fase que substitui a velha fantasia, na qual o pai era um representante da perfeição num “eu-você” narcisista. Nesse período, um grau de valorização excessiva, como expressão de uma relação positiva, é aceitável e até mesmo bem-vindo»⁽³⁹⁾.

Todavia, não é só no processo de remodelação do super-eu e ideal do eu que as identificações exteriores à família são capitais. No seu livro de psicologia das mulheres⁽⁴⁰⁾, referindo-se, no seguimento de Freud, a importância das identificações com um objecto adulto exterior à família (professora), assinala como neste movimento há o desejo de alguém como a mãe, mas ao mesmo tempo uma tentativa para evitar a dependência desta⁽⁴¹⁾. Assim, as mudanças biopsicológicas da adolescência, as necessidades de adaptação à realidade, a decepção perante a imagem dos pais levam o adolescente ao reforço das identificações laterais no grupo de iguais à procura, fora da família, de adultos — objecto de novos investi-

⁽³⁶⁾ *Op. cit.*, pp. 7-8.

⁽³⁷⁾ *Op. cit.*, pp. 65-66.

⁽³⁸⁾ *Op. cit.*, p. 25.

⁽³⁹⁾ *Op. cit.*, pp. 26-27.

⁽⁴⁰⁾ *La psychologie des femmes*, P. U. F., 6.^a ed., 1974.

⁽⁴¹⁾ *Op. cit.*, pp. 14, 79.

mentos e posteriores identificações. Fica-se, todavia, sem saber claramente porque e como se manifesta o conflito de gerações que Deutsch considera «o tema principal da adolescência».

Na sua compreensão da adolescência, Lidz, apesar de exprimir opiniões conhecidas, dá-nos algumas indicações interessantes para a compreensão dos processos psicológicos relacionados com a saída da família por parte do adolescente.

Referindo que, no passado, a ultrapassagem do Édipo tinha, de certa forma, como objectivo ultrapassar os conflitos familiares, na adolescência média ⁽⁴²⁾, o jovem procura libertar-se da família. A formação de grupos, sub-culturas e anticulturas jovens, reforçariam o conflito de gerações.

Na procura de objectos afectuosos fora da família pelo adolescente torna-se, todavia, necessário, segundo Litz, remodelações super-egóicas que não podem ser alteradas unicamente pela permissividade dos pais: esta remodelação deveria fazer-se sempre progressivamente e acompanhada de culpabilidade, depressão e ansiedade. Em parte, a revolta contra os pais seria devida ao facto de nela projectarem intenções culpabilizantes ⁽⁴³⁾.

Em posição simétrica à remodelação do super-eu, refere A. M. Main a desilusão do adolescente e modificações do ideal do eu face às figuras parentais previamente idealizadas ⁽⁴⁴⁾. Implicando implicitamente o ideal do eu e o super-eu e conduzindo a sua remodelação, Dias Cordeiro introduz a

interessante noção do primeiro organizador da adolescência processando-se pelo «luto dos *imagos* parentais» ⁽⁴⁵⁾.

Colocando as mudanças do adolescente no contexto que vai da identidade às identificações, e destas às relações de objecto (ou vice-versa), E. Jakobson não deixa de referir as dificuldades de separação que se põem ao adolescente pela necessidade de mudança de objecto e de objectivos em geral. «De facto, a adolescência é um período marcado pela ruptura dolorosa com o mundo da infância [...]. Primeiro, no que diz respeito aos objectos de amor infantil, o adolescente deve não somente separar-se das pessoas influentes da sua infância, mas também renunciar aos antigos prazeres, aos objectos anteriores, mais rapidamente que em qualquer outra altura. Preparando-se para deixar os pais, cedo ou tarde deve desejar uma vida sexual, sentimental e responsabilidades de adulto» ⁽⁴⁶⁾.

Assinala também a necessidade de modificações internas a nível das instâncias normativas, que permitirão reforçar o eu, necessariamente mais autónomo. Assim, «durante a adolescência, o super-eu deve uma vez mais reforçar o tabu do incesto, ao mesmo tempo que levanta as barreiras repressivas e aligeira a carga dos contra-vestimentos, suficientemente, para levar o adolescente a ceder à liberdade sexual e às relações de amizade e de amor dos adultos» ⁽⁴⁷⁾.

Também, «o adolescente é confrontado com o delicado e desconcertante problema de atenuar as imagens idealizadas dos pais sexualmente repressivos, e de as conciliar com uma concepção realista dos pais sexual-

⁽⁴²⁾ *La persona*, p. 392, Ed. Herder, SA, Barcelona, 1973. Tradução do inglês *The Person*, Basic Books, N. I., Londres.

⁽⁴³⁾ *Op. cit.*, p. 396.

⁽⁴⁴⁾ «Idealização e desilusão na Adolescência», p. 25, in *Sexualidade e Agressividade na Maturação: Novas Direcções*, org. Sydney Klein H., Imago Ed., 1975. Trad. do Inglês *Sexuality and Agression in Maturation: New Facets*, Institute of Psycho-Analysis, Londres.

⁽⁴⁵⁾ *L'adolescent et sa famille*, p. 23, Privat, 1975. Traduzido para Português: *O Adolescente e a Família*, Ed. Moraes, Lisboa.

⁽⁴⁶⁾ *Le soi et le monde objectal*, p. 165, P. U. F., 1975. Tradução do inglês *The self and the Objectal World*, Int. University Press, 1964.

⁽⁴⁷⁾ *Op. cit.*, pp. 175-176.

mente activos, e cada vez mais liberais, mas deve, ao mesmo tempo, elaborar novos critérios morais fundados num reforço do tabu do incesto. Vê-se que tal supõe importantes modificações que não resultam unicamente dos processos identificatórios, mas que seguidamente são igualmente reforçadas [...] nas novas formações estruturais do eu, que ganham em maturidade e autonomia»⁽⁴⁸⁾.

Para estas modificações, todavia, raramente E. Jakobson se refere à implicação dos pais como objectos de investimentos e desinvestimentos, de novas identificações, apesar destes não serem completamente esquecidos como na referência que se segue: «não se deve subestimar o papel dos processos identificatórios que subsistem, mesmo no contexto dum desenvolvimento ulterior normal da personalidade do sujeito. As identificações dominantes e fundamentais da adolescência com o seu pai, que representa o homem adulto, estende-se normalmente à posição de esposo e pai e, por vezes, determinam a escolha da profissão. Certamente, esta escolha é frequentemente influenciada pelas ambições do pai, pelos seus modelos de sucesso e de identificações narcísicas com o filho. Tal comportamento traduz, por vezes, a repugnância dos pais em abandonar a relação simbiótica com o filho. Pode suscitar violentos conflitos se os gostos inatos do filho o levam para centros de interesses que os pais desaprovam porque não correspondem às suas esperanças»⁽⁴⁹⁾.

Sterlin⁽⁵⁰⁾ é o psicanalista e terapeuta familiar que mais estudou o processo adolescente como implicando profundamente os pais, segundo um modelo a que se chama dialéctico no processo de separação. Apesar de partir do contexto cultural americano actual, e em grande parte de situações psi-

copatológicas, pode ajudar ao esclarecimento dos processos de separação normais.

O conflito entre pais e filhos resultaria das diferentes maneiras como é vivida a separação no sub-sistema parental e filial, sendo as mais importantes e menos dependentes da cultura as que vamos referir.

Assim, enquanto que, no adolescente, as pulsões sexuais estão em crescimento de intensidade, nos pais estão em declínio, embora em certos pais se constatem arremessos agressivos ou eróticos na meia idade, seja como revitalizantes, seja como comportamentos procurando mostrar que o vigor e potência continuam intactos.

Nos adolescentes, as capacidades intelectuais e «morais» estão em crescimento, na meia idade inicia-se o declínio das mesmas; se os adolescentes necessitam de mudar relações de lealdade, os pais precisam de manter as existentes.

Desenvolve o conceito de modos transaccionais reflectindo a interacção pais-filhos, sendo os mais típicos o acorrentamento, a expulsão e a delegação. No acorrentamento, a interacção pais-filhos tende para manter a dependência destes, seja pela gratificação emocional da dependência, seja provocando a culpabilidade ou a insegurança face às veleidades autonomizantes. Na expulsão predomina o movimento centrífugo dos filhos por desleixo dos pais. Na delegação, a separação é permitida, mas com o objectivo de que o filho cumpra uma missão por desejo parental.

Os trabalhos de Stierlin tiveram como base uma reflexão feita em torno, fundamentalmente, da sua experiência com famílias de esquizofrénicos. A contribuição de Michael Bloom⁽⁵¹⁾ é, a nosso ver, mais estimulante porque liberta do pecado original psicanalítico, da preguiçosa teoria da recapitulação, e porque pretende esclarecer o processo de separação progenitores-adoles-

⁽⁴⁸⁾ *Op. cit.*, p. 178.

⁽⁴⁹⁾ *Op. cit.*, p. 196.

⁽⁵⁰⁾ *Psicoanálisis y Terapia de Familia*, Icaria Ed., Barcelona, 1979.

⁽⁵¹⁾ *Adolescent-Parental Separation*, Gardner Press, 1980.

centes em situações não só patológicas, mas também normais. Estudando fundamentalmente o processo de separação adolescente-progenitores, Bloom encara a separação do adolescente como uma perda, implicando um trabalho de «luto», mas perda num contexto muito especial. O processo de separação adolescente-progenitores faz parte do ciclo vital. Inicia-se pelo desenvolvimento das capacidades de auto-suficiência, cognição e desejo de independência. É encorajado pela cultura, especialmente pelo grupo de iguais. Não é, também, geralmente, uma ruptura na relação, mas uma mudança para uma mais igual e simétrica relação adulto-adulto.

Referimos a contribuição de Bloom pela importância que atribui aos pais, e à implicação psicológica do adulto, no processo de «separação» do adolescente, que é, para eles, uma importante experiência. Ter os filhos seria para os pais uma dimensão fundamental da generatividade do adulto, no sentido de E. Erikson, para a qual esta seria, «de modo primordial, a preocupação em estabelecer e orientar a geração seguinte»⁽⁵²⁾.

A chegada dos filhos à adolescência representa o fim deste estágio, com a necessidade de procurarem novas realizações e orientações substitutivas. Esta etapa obriga os pais a uma nova orientação, dado que, segundo o autor referido, a separação do adolescente implica para os pais uma perda, mesmo que parcial, de identidade parental e de generatividade.

Os pais, ao aceitarem o processo de separação dos filhos, passam por uma experiência de «perda», ganhando, todavia, um maior sentimento de integridade, tornando-se capazes de formularem, para eles, novos objectivos.

⁽⁵²⁾ *Identidade, Juventude e Crise*, p. 136, Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1976. Trad. do Inglês *Identity Youth and Crisis*, Norton & Company, N. I., 1968.

CONCLUSÃO

A mutação pubertária introduz um processo de mudança psicológica pelas alterações biológicas corporais e pulsionais que provoca, com ressonância inevitável a nível do vivido do adolescente numa altura em que as capacidades cognitivas atingiram praticamente as suas máximas potencialidades.

Esta mutação vai produzir, inevitavelmente, alterações intrapsíquicas económicas, dinâmicas e estruturais, e problematizar as relações interpessoais do adolescente na sua relação com iguais, progenitores e outros adultos.

O desenvolvimento psicológico adolescente foi compreendido por Freud à luz da teoria bifásica da sexualidade correspondendo ao processo de aquisição da genitalidade.

Esta corresponde, socialmente, à aquisição da capacidade de amor exogâmico. Valorizando os iguais do mesmo sexo como objectos de identificação, necessária a um reforço de identidades, e os iguais do sexo oposto como garantes da possibilidade de amor exogâmico, a adolescência reconfirma a relação com os progenitores, objectos de renúncia afectuosa e de desidealização.

Os adultos não familiares seriam utilizados como objectos de passagem de investimentos amorosos idealizantes.

A relação adolescentes-progenitores seria conflitual, a todos envolvendo num processo de oposição de geração fundamental para o desenvolvimento civilizacional.

Seguindo as pistas avançadas por Freud, o movimento psicanalítico contribuiu para a compreensão do processo adolescente no quadro de conflito de gerações, apesar da teoria da recapitulação ter prejudicado o seu esclarecimento, neste contexto, como etapa de desenvolvimento específico implicando jovens e adultos.

Assinalaram, especialmente, como a decepção face à imagem dos pais estimula a procura de objectos identificatórios e de amor fora da família; a necessidade de remodelações a nível do ideal do eu e do super-eu reforçando o movimento exogâmico, favorecendo a tendência dos jovens a renunciar às satisfações afectuosas infantis na relação com os progenitores.

A implicação psicológica dos pais, no processo de conflito de gerações, é também referida por certos autores em relação com a etapa biopsicológica que estes atravessam no ciclo vital.

O fim do processo adolescente dos filhos é vivido pelos pais como uma perda. Esta,

implicando um trabalho de luto, conduziria a uma relação mais igualitária e simétrica com os filhos, e a novos investimentos ou a uma intrincação psicopatológica com os jovens, como parece ser o acorrentamento, expulsão e delegação.

A psicanálise, todavia, não esclarece, a nosso ver, totalmente, os processos psicológicos evolutivos normais da adolescência, nas suas implicações não só económicas mas, sobretudo, dinâmicas e estruturais, nem as repercussões fundamentais nos progenitores dos referidos processos psicológicos na etapa de desenvolvimento que eles atravessam na meia idade.